

FRANCESC TORRALBA

DICIONÁRIO DO PAPA FRANCISCO

*As palavras-chave
de um pontificado*



ÍNDICE

Prólogo: Um dicionário de Francisco?	9
Apresentação do autor.....	15
Alzheimer espiritual.....	19
Autorreferencialidade.....	27
<i>Balconear</i>	33
Casa comum	39
Colonização ideológica.....	57
Conversão ecológica	61
Cultura do descarte.....	71
Cultura do encontro	99
Cultura do provisório	109
Desertificação espiritual	115
Diálogo	121
Economia da exclusão	155
Ecumenismo do sangue	167
Esquizofrenia existencial.....	171

Fragilidade.....	175
Globalização da indiferença.....	185
Globalização da solidariedade	199
Habituação.....	203
Idolatria do dinheiro.....	211
<i>Martismo</i>	217
Misericórdia	221
Mundanidade espiritual	237
Naturalização da miséria	249
Paradigma tecnocrático.....	257
Perdão.....	271
Periferias da existência	279
Periferias do mundo.....	285
<i>Primeirear</i>	291
Psicologia do túmulo.....	297
Resíduos urbanos.....	301
Revolução da ternura.....	305
Saída de si.....	309
Bibliografia	329

PRÓLOGO:

Um dicionário de Francisco?

O que preocupava monsenhor Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, em 1999, quando falava perante a Associação Cristã de Empresários, era aquilo a que chamou «um processo de esvaziamento das palavras — palavras sem peso próprio, palavras que não se tornam carne. São esvaziadas dos seus conteúdos; então Cristo não entra como pessoa, como ideia. Há uma inflação de palavras. Trata-se de uma cultura nominalista. A palavra perdeu peso, é oca. Falta-lhe base, falta-lhe a “centelha” que a torna viva e que consiste precisamente no silêncio».

Ao ler o dicionário de Francesc Torralba, estes pensamentos do então arcebispo de Buenos Aires regressaram-me à memória. E experimentei uma sensação de gratidão porque o presente volume ajuda-nos a captar o peso específico da palavra e das expressões do Papa Francisco. Não pretende

ser exaustivo, mas exemplar. Nele sonda-se a linguagem de Bergoglio e somos convidados a continuar o seu trabalho. É muito útil o facto de o dicionário ser acompanhado por uma antologia que nos permite saborear o *contexto ambiental* em que estas palavras ganharam forma.

Bergoglio é um grande comunicador. Não o é por adotar estratégias específicas, mas porque se sente livre de ser e de comunicar. Desse modo, a sua mensagem consegue tocar as pessoas de forma imediata, direta e intuitiva. A sua capacidade comunicativa está especialmente enraizada na experiência pastoral e num treino do corpo e da fala.

Treino do corpo: a sua autoridade nunca se expressa de forma escultural; pelo contrário, a sua corporalidade vacila diante do interlocutor. Por vezes parece até perder o equilíbrio.

Treino da linguagem: o Papa gosta de usar um dicionário de verbos, mas também de imagens e de neologismos inesquecíveis. Por vezes, Francisco usa pronúncias invulgares de palavras italianas, articuladas em formas dialetais, que recupera da memória dos seus antepassados, principalmente da avó. Numa palavra: realiza uma comunicação genuína, desenvolta e eficaz.

A sua linguagem é radicalmente *oral* porque é radicalmente pastoral. Até a reflexão escrita é a formalização de um texto que foi concebido num diálogo. O Papa está sempre envolvido no acontecimento comunicativo, cria-o e desenvolve-o a partir de dentro: não é o ator de um papel ou de um discurso escrito. Assim, em vez de *comunicar*, o Papa Francisco cria «eventos de comunicação» em que é possível participar de forma ativa.

Neste sentido, observamos uma coisa: Francisco e João Paulo II são duas grandes figuras da comunicação, mas, num certo sentido, por motivos opostos. João Paulo II, apreciador da densidade da palavra e da palavra poética, moldava o gesto ao ritmo da palavra. Era a palavra que fazia florescer o gesto e o ritmo. Para Francisco é precisamente o contrário: é o gesto que liberta a palavra e a representa.

Existe, portanto, uma oralidade radical na palavra de Bergoglio: a carta, a correspondência, a palavra escrita para ser falada, tudo deve carregar em si as raízes da oralidade. E esta oralidade é, com frequência, materna, misericordiosa. Para Francisco, o pregador é, de um modo particular, uma mãe, deve usar a linguagem *maternal*, ou seja, o sabor original da «língua materna» simples ou, como se diz em latim, *sine plica*. A simplicidade refere-se a uma linguagem que deve ser compreensível para evitar o risco de se cair num falar vazio.

Como adaptar-se à linguagem dos outros de modo a chegar a eles com a palavra de Deus? Diz o Papa no *Evangelii gaudium*: «Deve escutar-se muito, partilhar a vida das pessoas e prestar-lhes uma atenção benévola.» (EG 158). A linguagem do Papa é muito simples, fácil, compreensível para qualquer pessoa. Esta capacidade de Francisco é fruto da sua vida em constante contacto com as pessoas.

Francisco fala a linguagem da vida e da fé, que obviamente pode ser mal compreendida, visto que não tem origem numa argumentação lógico-formal rigorosa. Não pretende dar conferências de imprensa ou lições; quer encetar um diálogo. Quem o acusa de ambiguidade não compreendeu o terreno existencial e empírico em que

o seu discurso se move. Da relação direta, autêntica e feita de assimetrias vive a força e a novidade da transmissão que faz da mensagem. Neste sentido, trata-se de uma linguagem radicalmente pastoral.

Mas é precisamente este pastoralismo que lhe dá uma vibração poética. A linguagem bergogliana é rica em metáforas, provérbios, frases feitas, neologismos e dispositivos retóricos que não provêm do culto da palavra elegante, mas do jargão, da linguagem usada pelo habitante de Buenos Aires, da comunicação da rua, que assimila a vida quotidiana, ou da relação pastoral com os fiéis. Francisco — tal como Roland Barthes, grande estudioso da linguagem dos *Exercícios Espirituais* de S.^{to} Inácio — sabia que dizer «amor», ou mesmo «amor de Deus», significa abordar o emaranhado da linguagem; entrar na área extremamente confusa em que a linguagem é, em simultâneo, demasiado e pouco, excessiva e pobre. À sua maneira, a de Francisco também corresponde a «fragmentos de um discurso amoroso». É a linguagem, tanto poética como popular, dos profetas do Antigo Testamento.

Seria um erro trágico acreditar que a linguagem simples de Francisco é resultado de uma certa ingenuidade. Na verdade, deve lembrar-se aqui que o Papa Francisco ensinou literatura; e não apenas a sua história, como também escrita criativa. Bergoglio amou muitos poetas e escritores: de Borges a Hölderlin, de Marechal a Manzoni, de Bloy a Pemán... São autores dos quais retira citações subliminares, que aparecem, aqui e ali, nos seus discursos. Nunca como citações memorizadas, mas como momentos espontâneos do seu modo de falar, metabolizado por um processo interior.

No entanto, é o sabor da palavra primitiva, cultivada com as raízes a afundarem-se no terreno do vivido, que o leva a estar atento à palavra que surge da experiência e a apropriar-se dela mimeticamente.

No fundo, reside aqui o desafio da linguagem teológica, pois esta corre o risco de ser influenciada pelo paradigma *tecnocrático*. O seu tecnicismo excessivo também raia o burocrático. Através dele, por vezes, o Evangelho é pregado com a «linguagem dos padres». Nada poderia estar mais afastado daquilo que Bergoglio deseja alcançar. O seu objetivo é a libertação da energia própria do *lógos* do Evangelho. E não só: a linguagem teológica corre o risco de se transformar num produto da fragilidade do *lógos* ocidental, através da qual a procura de uma linguagem que ofereça os argumentos para a racionalidade da fé corre, afinal, o risco de se afastar da questão do futuro real da fé e da sua tarefa do anúncio kerigmático. Por esta razão, traduzir Bergoglio é muito difícil, mais do que ingenuamente se possa pensar. Transcendendo o plano da gramática, a prosa de Bergoglio exige uma análise poética e linguística.

Assim, no fundo, a pregação *bergogliana* interroga-se sobre o próprio horizonte de possibilidades da comunicação do cristianismo. Este é o seu verdadeiro nexos crítico. Portanto, bem-vindo seja o dicionário de palavras e de expressões significativas e originais que Francesc Torralba põe à nossa disposição!

ANTONIO SPADARO SJ
Diretor de *La Civiltà Cattolica*

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

O propósito deste dicionário em particular consiste em definir alguns dos termos e ideias mais originais e característicos do magistério social do Papa Francisco.

Selecionámos um conjunto de conceitos e de expressões que, na nossa opinião, representam as categorias fundamentais da retórica discursiva de Jorge Mario Bergoglio. São termos profusamente utilizados nas suas diferentes alocações, audiências, encíclicas e exortações. Na nossa perspectiva, constituem os eixos essenciais que articulam o seu discurso social.

Cada entrada consta de duas partes. Na primeira, propositadamente breve, define-se o termo em causa no âmbito do pensamento do Papa Francisco. Na segunda reproduz-se uma seleção de textos de Jorge Mario Bergoglio onde aparece o vocábulo que é alvo de definição. Os termos, como é característico de um dicionário, estão organizados

alfabeticamente, enquanto os textos foram ordenados de forma cronológica, por ordem de aparecimento no tempo.

Não reproduzimos todos os textos onde aparece o termo, mas os mais significativos e representativos, desde o início do seu magistério pontifício, em 2013, até ao momento da publicação do presente livro. Também não distinguimos o valor magistral de cada texto, mas o leitor poderá verificar, na nota de rodapé, a importância que cada um assume. Nos fragmentos selecionados, é possível encontrar referências retiradas das suas encíclicas, das suas exortações pastorais, dos seus discursos, alocuções, audiências, homilias, bem como fragmentos de entrevistas concedidas a diferentes meios de comunicação social durante as suas viagens apostólicas.

Desde que Jorge Mario Bergoglio chegou à sede de S. Pedro, em março de 2013, prestámos atenção ao seu pensamento e a alguns conceitos que, na nossa opinião, são especialmente originais e inovadores no âmbito da Doutrina Social da Igreja. Prova deste interesse são dois livros publicados durante este período por este seu servidor, *La Iglesia en la Encrucijada. De Benedicto XVI al Papa Francisco* (2013) e, posteriormente, *La Revolución de la Ternura. El Verdadero Rostro del Papa Francisco* (2014). Desde então até ao momento presente, o nosso interesse pelo seu pensamento social e pela sua liderança espiritual de carácter global foram crescendo.

Este dicionário pretende promover a difusão do seu pensamento e esclarecer alguns termos e expressões que consideramos nem sempre terem sido devidamente interpretados. Muitas destas palavras fizeram parte da *forma*

mentis de Jorge Mario Bergoglio. Já eram utilizadas pelo mesmo no seu magistério oral e escritas muito antes de chegar à sede de S. Pedro, quando exercia as funções de pastor na Grande Buenos Aires. Não surgem do nada, *ex novo*. Por isso, parece-nos adequado referirmo-nos ao *Dicionário de Bergoglio*.

É possível que, além dos vocábulos e conceitos selecionados, existam outras expressões que mereçam lugar neste dicionário. Optámos pelos fundamentais, para evitar um volume excessivo. Consideramos que aqueles que foram escolhidos fazem parte da rede de categorias básicas que dão corpo às bases do seu pensamento social, mas não foi fácil identificá-los.

Morgovejo, agosto de 2019

ALZHEIMER ESPIRITUAL

Esta expressão evoca a perda de memória e, por conseguinte, de identidade. Jorge Mario Bergoglio desenvolve esta ideia em vários discursos e alocuções. Em todos eles assume uma conotação negativa, pois evoca tanto uma carência como uma doença. Neste sentido, é um mal que se deve prevenir ou evitar, tanto no seio da Igreja como na sociedade.

Quando o aplica ao plano individual, o Papa Francisco refere-se ao esquecimento da própria identidade, à perda das origens, ao desenraizamento. Produz-se quando alguém se esquece de quem é, do que representa no mundo, do que foi chamado a ser.

Quando um ser humano sofre com a doença de Alzheimer num estado avançado, não consegue reconhecer os seus entes queridos ou o sítio de onde vem, os lugares simbólicos do seu percurso pessoal. Este esquecimento do que se é no mundo pode acontecer a qualquer ser humano

que se esquecer da sua vocação fundamental, do que veio realizar no mundo.

O *Alzheimer espiritual* tem igualmente um significado coletivo. Dele pode sofrer um povo, uma comunidade, uma nação ou a própria Igreja. Quando alguma destas entidades suprapessoais esquece a sua missão no mundo, a sua razão de ser, o fundamento pelo qual foi instituída, envereda pelo Alzheimer espiritual.

Este perigo não é alheio à Europa, mas também não o é à vida da Igreja. Em sintonia com os magistérios de João Paulo II e de Bento XVI, o Papa Francisco exorta a Europa a relembrar as suas origens cristãs, a ser quem foi, a recuperar as categorias que constituíram o denominado humanismo ocidental. A perda da memória coletiva traz associada a perda de identidade.

Na sua opinião, a Europa também sofre de Alzheimer espiritual. Perdeu a sua alma cristã, judaica e iluminada. O Papa Francisco reivindica o humanismo europeu e exorta-nos a ter presentes, na memória coletiva, as origens judaicas, cristãs e muçulmanas, apesar do processo de secularização que o continente está a sofrer. A Europa sofre, pois, de um Alzheimer espiritual na medida em que esquece as suas raízes, os valores éticos e espirituais que a caracterizaram ao longo de séculos. A função dos cristãos, neste contexto de desmemória cultural, espiritual e axiológica, deve consistir em despertar a memória, em manter viva a recordação das fundações da Europa e da sua essência mais nuclear. O Alzheimer espiritual também é aplicável à gestão da memória coletiva. O Papa Francisco exorta-nos a nunca esquecer o sofrimento das vítimas da

História. Ter a consciência desperta relativamente ao que aconteceu, às vítimas oprimidas pela História, é determinante para evitar que se caia no Alzheimer espiritual. Só a partir da recordação, da memória sempre desperta da barbárie, é possível evitar novos males tanto no presente como no futuro.

No plano ecológico, a expressão de Jorge Mario Bergoglio também tem o seu significado. O ser humano nunca pode esquecer a sua condição de criatura, o lugar que ocupa no mundo e a sua missão de o governar e cuidar com esmero.

O esquecimento desta missão no jardim criado por Deus é o princípio da grande crise ecológica que estamos a sofrer a nível planetário. Quando o ser humano esquece a sua dimensão de criatura e se arvora em criador, os pontos alfa e ómega da criação, destrói-se a ordem da casa comum, o equilíbrio dos ecossistemas e o círculo imutável das estações que a natureza regula. O ser humano não deve esquecer a sua condição de criatura, pois é constituído por pó, e o seu destino é regressar ao pó.

No plano pessoal, o Papa Francisco exorta-nos a não esquecer as dádivas que generosamente recebemos de Deus. O Alzheimer espiritual revela-se quando se sucumbe à veneração do presente e se esquecem os antepassados e a consciência do passado que as pessoas idosas representam.

No magistério pontifício de Jorge Mario Bergoglio, os idosos desempenham um papel determinante para o futuro. Representam a consciência viva do que ocorreu, a reminiscência dos valores tradicionais e dos costumes. Esquecê-los, relegá-los para o plano da privacidade, constitui um grave erro, porque a sua experiência, o seu

conhecimento e o seu conselho são imprescindíveis para canalizar o presente e o futuro.

SELEÇÃO DE TEXTOS

I. «[A doença do Alzheimer espiritual] corresponde a um afrouxamento progressivo das faculdades espirituais, que no maior ou menor período de tempo produz problemas graves à pessoa, incapacitando-a para desenvolver alguma atividade autónoma, vivendo num estado de absoluta dependência das suas visões, com frequência imaginárias.»¹

II. «Não caiais no Alzheimer espiritual; não percais a memória, especialmente a memória de onde fomos tirados. Pensemos na cena de quando o profeta Samuel foi enviado para ungir o rei de Israel: vai a Belém, até à casa de um senhor chamado Jessé, que tem sete ou oito filhos — não sei bem —, e Deus lhe diz que entre estes filhos estará o rei. E, claro, ele vê-os e diz: “Deve ser este”, porque o mais velho era alto, grande, bonito, parecia valente... E Deus diz: “Não, não é este.” O olhar de Deus é diferente daquele dos homens. E assim fez passar todos os filhos de Jessé, e Deus diz: “Não, não é.” E o profeta fica sem saber o que fazer; e, em seguida, pergunta a Jessé: “Então, não tens outro filho?” E ele responde: “Sim, há o mais novo, que está a cuidar das cabras e das ovelhas.” “Manda-o chamar.” E eis que

¹ Audiência, 22 de dezembro de 2014.

vem o rapazinho, que devia ter entre 17 e 18 anos — não sei bem —, e Deus diz: “É este.” Tiraram-no do cuidado do rebanho. E outro profeta, quando Deus lhe diz para fazer certas coisas como um profeta, contesta: “Mas quem sou eu, se fui tirado do cuidado do rebanho?” Não vos esqueçais de onde fostes tirados. Não renegueis as raízes.

Vê-se que S. Paulo intuía este perigo de perder a memória e ao seu filho mais querido, o bispo Timóteo, a quem ordenara, dá conselhos pastorais, entre os quais há um que toca o coração: “Não te esqueças da fé que tinham a tua avó e a tua mãe”, o que significa dizer: “Não te esqueças de onde te tiraram, não te esqueças das tuas raízes, não te sintas *promovido*.” A gratuidade é uma graça que não pode conviver com a promoção e, quando um sacerdote, um seminarista, um religioso, uma religiosa entra na carreira — não o digo por mal, na carreira humana —, começa a ficar doente com Alzheimer espiritual e começa a perder a memória de onde foi tirado.»²

III. «O escritor Elie Wiesel, sobrevivente dos campos nazis de extermínio, dizia que hoje é de importância capital realizar uma “transusão de memória”. É preciso “fazer memória”, distanciar-se um pouco do presente para ouvir a voz dos nossos antepassados. A memória permitir-nos-á não só evitar cometer os mesmos erros do passado (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 108), como dar-nos-á acesso também às conquistas que ajudaram os nossos povos a ultrapassar

² Discurso no encontro com o clero, religiosos, religiosas e seminaristas, no santuário mariano de El Quinche, Quito (Equador), 8 de julho de 2015.

com êxito as encruzilhadas históricas que iam encontrando. A transfusão de memória liberta-nos da tendência atual, muitas vezes mais fascinante, de forjar à pressa, sobre areias movediças, resultados imediatos que poderiam produzir “ganhos políticos fáceis, rápidos e efêmeros, mas que não constroem a plenitude humana” (*ibid.*, 224).»³

IV. «Um dos limites das sociedades atuais é terem pouca memória, liquidar como um fardo inútil e pesado o que nos precedeu. Mas isto tem consequências graves. Pensemos na educação: como podemos esperar em fazer crescer as novas gerações sem memória? E como pensar em edificar o futuro sem tomar posição em relação à história que gerou o nosso presente? Como cristãos, não cultivemos retornos nostálgicos a um passado que já não existe. Ao contrário, olhem para a frente com confiança. Não temos espaços a defender porque o amor de Cristo não conhece fronteiras insuperáveis. Vivemos num tempo favorável a uma Igreja em saída, mas uma Igreja rica de memória, totalmente impelida pelo vento do Espírito a ir ao encontro do homem que busca uma razão para viver. São numerosos os indícios da presença de Deus ao longo da história do mundo; de facto, tudo, começando pela criação, nos fala d’Ele. O Deus real e vivo quis compartilhar a nossa história: “O Verbo fez-se carne e veio habitar no meio de nós” (*Jo* 1, 14). Deus não é uma recordação, mas uma presença a acolher sempre de novo, como o amado para a pessoa que ama.

³ Discurso, entrega do Prémio Carlos Magno, 6 de maio de 2016.

Há uma enfermidade que pode atingir os batizados e à qual o Santo Padre chama “Alzheimer espiritual”: consiste em esquecer a história da nossa relação pessoal com Deus, aquele primeiro Amor que nos conquistou até nos tornar seus. Se nos tornarmos “desmemoriados” do nosso encontro com o Senhor, já não estaremos seguros de nada; então assalta-nos o medo que paralisa todos os nossos movimentos. Se abandonarmos o porto seguro da nossa união com o Pai, tornar-nos-emos presa dos caprichos e das vontades do momento, escravos dos “falsos infinitos”, que prometem a Lua mas que nos deixam desiludidos e tristes, na busca espasmódica de algo que preencha o vazio do nosso coração. Como evitar este “Alzheimer espiritual”? Existe um só caminho: atualizar as origens, o “primeiro amor”, que não é um discurso nem um pensamento abstrato, mas uma Pessoa. A memória grata por este início garante o impulso necessário para enfrentar os desafios sempre novos que exigem respostas também novas, permanecendo sempre abertos às surpresas do Espírito que sopra onde quer.»⁴

V. «O primeiro, e talvez o maior, contributo que os cristãos podem dar à Europa de hoje é recordar-lhe que ela não é uma recolha de números ou de instituições, mas é constituída por pessoas. Infelizmente, observa-se com frequência que qualquer debate se reduz facilmente a uma

⁴ Mensagem, assinada pelo secretário de Estado, Pietro Parolin, por ocasião do XXXVIII Meeting para a Amizade entre os Povos, Rímmini, 20–26 de agosto de 2017.

discussão sobre números. Não existem os cidadãos, mas os votos. Não existem os migrantes, mas as quotas. Não existem os trabalhadores, mas os indicadores económicos. Não existem os pobres, mas os limiares de pobreza. Desta forma, o aspeto concreto da pessoa humana é reduzido a um princípio abstrato, mais cómodo e tranquilizador. Compreende-se a razão: as pessoas têm rostos, obrigam-nos a uma responsabilidade real, concreta, “pessoal”; os números ocupam-nos com raciocínios, até úteis e importantes, mas permanecerão sempre sem alma. Oferecem-nos o álibi para uma desvinculação, porque nunca nos tocam na carne.»⁵

⁵ Discurso na conferência «Re(Thinking) Europe», 28 de outubro de 2017.

AUTORREFERENCIALIDADE

O termo *autorreferencialidade* corresponde à substantivação da palavra *autorreferencial*, que se utiliza para evocar a pessoa que se refere apenas a si mesma, que está exclusivamente centrada no próprio ser, em suma, que tem o eu como referente¹.

Face à atitude autorreferencial, o Papa Francisco exortamos a descentrarmos-nos, a sairmos de nós, a pormos o referente fora do próprio eu.

A autorreferencialidade não remete apenas para o indivíduo, mas também para a Igreja, especialmente quando está mais ocupada e preocupada com os seus assuntos

¹ Escreve Almudena Suárez, em «Francisco e a proposta dunha nova linguaxe do maxisterio pontificio; pastoralidade e compromiso», *Encrucillada. Revista Galega de Pensamiento Cristián*, vol. 43, n.º 212 (2019), 91: «Autorreferencial é uma palabra que Francisco utiliza para alertar para o perigo que a Igrexa corre de se voltar sobre si mesma, de asfixiar como quando ficamos presos num elevador e o ar se vai tornando viciado.»

internos do que com sair de si mesma para fazer chegar a boa nova do Evangelho a todos os cantos da Terra. Para o cristão, a referência central é o próximo. O *telos* da vida cristã não é o próprio, é Cristo. O cristão é chamado a sair de si mesmo, como o bom samaritano, para responder ao apelo do outro, que solicita a sua atenção. A autorreferencialidade é uma forma de nos fecharmos em nós mesmos, de nos tornarmos impermeáveis à realidade exterior, e também ao apelo de Deus, que o convoca a partir de dentro.

A autorreferencialidade conduz, em última instância, à experiência do vazio. Quando nos apercebemos de que centrámos a vida em torno de algo tão efêmero e insignificante como o eu, experimentamos o vazio existencial. Pelo contrário, quando somos capazes de sair de nós e de entregarmos a nossa energia vital, o nosso talento e os nossos dons tendo em vista melhorar a qualidade de vida de outros seres humanos, sentimos que a nossa vida possui um significado que tem sentido.

A contemplação e a preocupação permanentes com o próprio não preenchem o desejo de plenitude que subsiste no coração de todo o ser humano. Só quem sai de si mesmo, quem se esquece do seu ego e se lança para fora, para se dar aos outros, para responder ao apelo dos que sofrem, alcança o sentido da sua vida, transformando-se a sua existência num projeto de fecundidade. O imperativo de Jesus de nos esquecermos de nós próprios e de o seguirmos está na origem desta expressão tão frequentemente evocada nos discursos e nas alocações de Jorge Mario Bergoglio.

O Papa Francisco equipara a atitude autorreferencial ao narcisismo, uma das tendências que caracterizam de forma mais clara aquilo que ficou designado por «era pós-moderna»².

Jorge Mario Bergoglio utiliza uma imagem para expressar o movimento que todo o ser humano é chamado a realizar. Deve esquecer-se de se ver ao espelho para aprender a olhar pela janela.

O espelho serve para nos vermos, para nos observarmos, mas é meramente autorreferencial. Nele vemos-nos refletidos e, por isso, não saímos do nosso mundo, ao passo que, quando abrimos a janela e olhamos através dela, entramos no mundo que se estende para lá da consciência do eu, da nossa tribo, da nossa cultura. Excedemo-nos e descobrimos um universo que se estende para lá do eu. Esta saída em êxtase é o princípio da vida espiritual.

O Papa Francisco exorta cada ser humano, cada cristão e a Igreja, como povo de Deus, a abandonar o espelho e a colocar-se diante da janela para estar atento ao que acontece lá fora, para responder às solicitações do mundo.

² Sobre esta questão, escreve Lluís Duch, em *Vida cotidiana y velocidad*, Barcelona, Herder, 2019, 166: «Na “sociedade da vivência” (*Erlebnissesellschaft*), cada vez mais em voga nos nossos tempos, o autocuidado, a obsessão com a autorreferencialidade, é normalmente a única relação existente no universo fechado dos adeptos de uma mesmidade exclusivamente autorreferencial, que se esgota em si mesma num “não espaço” e “não tempo”, ou, o que é o mesmo, em âmbitos desumanizados ou em processos de desumanização em que a solidariedade, a partilha e a empatia se encontram não apenas excluídos mas praticamente diabolizados, sendo encarados como extremamente perigosos, ameaçadores e destruidores da autossuficiência da vida do próprio eu.»

A autorreferencialidade é, ao fim e ao cabo, uma forma de narcisismo que implica um esquecimento do outro e dos seus problemas. Pode, com frequência, ter uma expressão espiritual. Quando a atividade espiritual tem como centro de gravidade o próprio bem-estar emocional e mental, a serenidade interior e a autocontemplação, atraiçoa-se a própria essência da espiritualidade, pois esta consiste, segundo Jorge Mario Bergoglio, em sair de si mesmo para se dar aos outros. A verdadeira espiritualidade traduz-se no serviço ao próximo, no esquecimento de si mesmo e no seguimento radical de Jesus. A espiritualidade que o Papa Francisco propõe é de natureza «cristocêntrica».

SELEÇÃO DE TEXTOS

I. «Uma das coisas — são todos jovens aqui, inclusive vós, que sois jovens pela segunda vez, todos jovens, jovens da segunda etapa — que caracterizam a juventude e a eterna juventude de Deus, porque Deus é eternamente jovem, é a alegria, “o júbilo”, a felicidade. À alegria contrapõe-se a tristeza, uma tristeza que é precisamente aquela da qual saístes. Saístes de algo que causa tristeza, que é estar concentrado em si mesmo, a autorreferencialidade. Um jovem que se fecha em si mesmo, que vive unicamente para si próprio, acaba — e espero que compreendais o verbo, porque é um verbo argentino — por ficar *empachado* de autorreferencialidade, ou seja, cheio de autorreferencialidade. Há uma imagem que me surge agora: esta cultura em que temos de viver, dado que é muito egoísta, muito

assim [faz um gesto] de olhar só para si, contém uma dose muito grande de narcisismo, desse ficar a contemplar-se a si próprio, e por muito tempo, ignorando os outros. O narcisismo causa-te tristeza porque vives preocupado em maquilhar a tua alma todos os dias, em aparecer melhor do que és, em ver se és mais bonito do que os demais, é a doença do espelho. Jovens, quebrai esse espelho! Não vos contempleis ao espelho porque o espelho engana, olhai para fora, olhai para os demais, fugi deste mundo, desta cultura que estamos a viver — à qual fizestes referência —, que é consumista e narcisista. E, se algum dia quiserdes admirar-vos ao espelho, dou-vos um conselho: contemplai-vos ao espelho para vos rirdes de vós mesmos. Um dia experimentai: olhai e começai a rir do que virdes nele, pois a vossa alma será refrescada. Saber rir de si, isso dá alegria e salva-nos da tentação do narcisismo.»³

II. «Há muitas pessoas que precisam de vós e esperam por vós. Pessoas que têm necessidade do vosso sorriso amigo que lhes restitua esperança; do amparo das vossas mãos ao longo do seu caminho; da vossa palavra que semeie esperança nos seus corações; do vosso amor à maneira de Jesus (cf. *Jó* 13, 1–15), que cure as feridas mais profundas causadas pela solidão, pela rejeição e pela exclusão. Nunca cedais à tentação da autorreferencialidade, do transformar-se em “exércitos fechados”.»⁴

³ Discurso aos membros da comunidade católica Shalom, 4 de setembro de 2017.

⁴ Discurso na XXI Assembleia Plenária da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), Auditório Paulo VI, 10 de maio de 2019.

BALCONEAR

A primeira aceção da palavra *balconear* no *Dicionário da Língua Espanhola* é «observar os acontecimentos sem participar neles». Outro significado é «analisar uma situação». Em espanhol, *balconear* é também «olhar, observar com curiosidade de uma sacada ou varanda, ou de qualquer sítio elevado».

Dado que se trata de um verbo espanhol bem formado — registado nos dicionários académicos da língua e de variantes de espanhol da América Latina, bem como no dicionário de María Moliner, entre outros —, trata-se de um vocábulo que já integra plenamente o léxico espanhol, em qualquer contexto. Além desta aceção de *balconear*, de uso maioritário na Argentina e no Uruguai, o *Dicionário de Americanismos*, da Associação de Academias da Língua Espanhola, averba outros significados, entre os quais se destacam: «Alguém tornar públicos os assuntos privados de uma pessoa» (México) e «Alguém perder tempo» (Uruguai).

Tanto este verbo como o substantivo derivado, *balconeo*, passaram para os meios de comunicação social a partir do momento em que o Papa Francisco os utilizou, na XXVIII Jornada Mundial da Juventude, realizada no Rio de Janeiro (Brasil).

Na origem de um dos discursos mais celebrados que o Sumo Pontífice proclamou, muitos órgãos de comunicação social, principalmente espanhóis, começaram a publicar notícias em que utilizavam este verbo com algum destaque: «Francisco não vai olhar a imensa crise da Síria da sacada», «Podemos observar a realidade da sacada ou ter a iniciativa de a mudar».

Balconear, na gíria dos bairros degradados da Argentina, significa, literalmente, «observar da varanda, da sacada [*balcón*]». Reflete uma atitude meramente curiosa, como a de um espetador que não participa naquilo que observa. Refere-se à atitude do espetador que tece um comentário crítico sobre o que não lhe agrada ou lhe parece mal, mas não se mistura com as pessoas¹.

Jorge Mario Bergoglio critica energicamente esta atitude, que considera muito passiva, de mero espetador. Verifica-se quando alguém olha da varanda de sua casa, de onde

¹ Sobre esta ideia, escreve Giuseppe Milan: «“*Balconear*” é uma palavra para nós quase intraduzível no seu sentido mais profundo, dada a riqueza da sua semântica: palavra estranha à erudita “cultura do descarte”, fechada no seu círculo privativo, mas de compreensão imediata para quem habita a cultura e o vocabulário da periferia”, para quem está fora porque prefere “sair”, envolver-se, sendo assim obrigado a enfrentar a noite e o céu aberto» (35). Ver MILAN, G., «Per una “pedagogia dell’armonia”: il dialogo mente-mani-cuore», *Educatio Catholica* 1/IV (2018), 25–39.

observa os dramas do mundo, mas não se compromete a transformar minimamente a realidade².

Neste sentido, o *balconeo* inscreve-se na lógica da indiferença, pois é uma expressão de indiferença face ao mundo³.

Mas há mais neste conceito: uma crítica depreciativa. Da varanda, o espetador não só contempla passivamente o que acontece na praça pública, na ágora do mundo, como, além disso, critica quem tenta fazer algo para melhorar a situação, para atenuar o sofrimento, para mudar a realidade⁴.

Em coerência absoluta com a mensagem de renovação espiritual de *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco lembra

² «Por “*balconear*” entende-se “estar à varanda”, “estar à janela”, “estar à porta”, “parar à porta”; o vocábulo refere-se aos estados de espírito e situações que enfatizam o “fechamento”, a esfera “interior”, o *intra moenia*, o espaço psicológico-existencial muralhado, onde se acumulam, com diferentes graus de incidência, o medo, a passividade, a cobardia, a desconfiança, a superproteção, a autosuficiência» (*ib.*, 35).

³ «*Balconear* a vida é uma expressão pertencente à gíria dos habitantes dos bairros degradados de Buenos Aires e que quer dizer olhar da varanda como um espetador, sem participar no que acontece. É uma atitude meramente curiosa, sem participação, enquanto observador dos outros, que não participa naquilo que está a ver. Este tem sempre um comentário crítico sobre o que não lhe agrada ou o que lhe parece mal, mas não se mistura com os outros» [SUÁREZ, A., «Francisco e a proposta dunha nova linguaxe do maxisterio pontificio; pastoralidade e compromisso», *Encrucillada. Revista Galega de Pensamiento Cristián*, vol. 43, n.º 212 (2019), 94].

⁴ «O Papa Bergoglio critica os *balconeiros*, aqueles que ficam ali, à janela. Trata-se de uma crítica penetrante, uma exortação eficaz dirigida em primeiro lugar aos cristãos de pantufas, que permanecem na defensiva, a malhar no nada, numa atividade de facto sem sentido. Mas é uma crítica que diz respeito a todos, homens do nosso tempo, filhos da rapidez e muitas vezes paralisados na partida, de mãos atadas, de coração fechado, com a cabeça aturdida e anestesada» (MILAN, G., *op. cit.*, 35s).

que o cristão é chamado a descer da varanda, a entrar no lamaçal do mundo para sobre ele espalhar a mensagem de esperança, para colaborar ativamente com outros agentes do mundo na transformação da realidade à luz do Evangelho de Cristo.

SELEÇÃO DE TEXTOS

I. «O vosso coração, coração jovem, quer construir um mundo melhor. Acompanho as notícias do mundo e vejo que muitos jovens, em muitas partes do mundo, saíram pelas estradas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens nas estradas são jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixem para outros serem protagonistas da mudança! São vocês quem tem o futuro! Vocês... Através de vós, o futuro entra no mundo. Também vos peço para serem protagonistas desta mudança. Continuem a vencer a apatia, dando uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que estão a surgir em várias regiões do mundo. Peço-vos para serem construtores do mundo, para trabalharem por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não “olhem da sacada” para a vida, entrem nela. Jesus não ficou na sacada, mergulhou... “Não olhem da sacada” para a vida, mergulhem nela, como fez Jesus.

Resta, porém, uma pergunta: Por onde começamos? A quem pedimos para iniciar? Por onde começamos? Uma vez perguntaram a Madre Teresa de Calcutá o que devia mudar na Igreja; queremos começar, mas por que parede?

Por onde — perguntaram a Madre Teresa — é preciso começar? Por ti e por mim, respondeu ela. Tinha vigor, aquela mulher! Sabia por onde começar. Hoje roubo a palavra a Madre Teresa e digo também: Começamos? Por onde? Por ti e por mim! Cada um, de novo em silêncio, se interrogue: se devo começar por mim, por onde princípio? Que cada um abra o seu coração, para que Jesus lhe diga por onde começar.»⁵

⁵ Vigília de oração com os jovens, viagem apostólica por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude, Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.

«FRANCISCO FALA A LINGUAGEM DA VIDA E DA FÉ.»

Da autoria do filósofo e teólogo Francesc Torralba, este é um livro que recolhe alguns dos termos mais utilizados por Jorge Mario Bergoglio desde que, em 2013, se tornou papa.

Cada uma das entradas deste dicionário divide-se em duas partes: numa primeira é definido o vocábulo ou expressão em causa no âmbito do pensamento do papa, pensamento que desde sempre se revelou inovador no âmbito da doutrina da Igreja; enquanto na segunda parte são reproduzidos alguns dos textos onde os mesmos foram utilizados, tenham sido proferidos em encíclicas, exortações pastorais, discursos, audiências, homilias ou entrevistas a meios de comunicação social.

Um grande comunicador: é esta a expressão que melhor define Francisco. Essa característica — natural, e não resultado de qualquer estratégia de comunicação — torna-o mais próximo de todos nós. Este livro permite-lhe aproximar-se ainda mais do seu pensamento e da sua visão do atual estado do mundo.




UMA OPORTUNIDADE ÚNICA PARA SABER O QUE PENSA SUA SANTIDADE RELATIVAMENTE A:

Alzheimer espiritual • Cultura do descarte • Desertificação espiritual • Economia da exclusão • Esquizofrenia existencial
Globalização da indiferença • Idolatria do dinheiro
Misericórdia • Perdão • Revolução da ternura



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Religião

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789897846717



9 789897 846717 >